

CADEIA PRODUTIVA DE CORTE E PECUARIZAÇÃO¹ DA AGRICULTURA FAMILIAR
NA AMAZÔNIA ORIENTAL
René Pocard Chapuis², Jean-François Tourrand³, Marie-Gabrielle Piketty⁴, Jonas
Bastos da Veiga⁵

INTRODUÇÃO

Cadeias produtivas ... este conceito novo na Amazônia vem seduzindo os tomadores de decisão, por estar abrangendo tanto acesso a insumos como acesso a mercados para determinada atividade produtiva, como extração madeireira, cultura da soja, pecuária bovina. Assim a noção de “verticalização da produção” se tornou nos meados da década de 90 um objetivo prioritário para muitos programas, políticas ou discursos sobre desenvolvimento sustentável. Apesar dessa demanda para a pesquisa, pouco se sabe ainda sobre as principais cadeias produtivas regionais na Amazônia. Os resultados apresentados neste trabalho vão além da verticalização da produção, que se interesse apenas à seqüência de atividades da matéria prima até o produto final de consumo. Definimos aqui a cadeia produtiva como uma rede de atores onde se propagam relações de força, as quais vêm influenciando as estratégias e tomadas de decisão de cada um, sendo que este sistema causa forte impacto sobre a organização do espaço e a evolução da fronteira agrícola. Se trata de uma abordagem sistêmica e funcional, cujo objetivo é analisar a complexidade das referidas relações e caracterizar suas conseqüências a nível de atores, de grupos e de regiões.

Estudos sobre sistemas de produção e Agricultura Familiar (AF) apontam uma nítida pecuarização na Transamazônica (Léna 1992, Tourrand et al 1995). Uma hipótese é que esta tendência esteja ligada à emergência de mercados consumidores locais, os quais sustentariam o preço e garantiriam o acesso a mercado para produtos da pecuária (Farminow 1996). Essa idéia tem o mérito de colocar a pecuarização num contexto regional, e não apenas interno aos estabelecimentos rurais. Porém, frente ao crescimento rápido dos rebanhos da agricultura familiar se coloca a questão básica da capacidade de absorção dos mercados, levando o pesquisador a uma série de perguntas sem respostas,

¹ Chama-se pecuarização o processo de entrada da pecuária nos sistemas de produção da agricultura familiar. Começou no início da década de 90 no caso da Transamazônica

² Convênio EMBRAPA-UFPa-CIRAD, rene@amazon.com.br

³ Convênio EMBRAPA-UFPa-CIRAD, Tourrand@aol.com

⁴ Convênio EMBRAPA-UFPa-CIRAD, piketty@cirad.fr

⁵ Convênio EMBRAPA-UFPa-CIRAD, jonas@cpatu.embrapa.br

resumidas numa só : como funciona essa cadeia produtiva bovina e qual é seu papel na dinâmica regional da pecuária ?

METODOLOGIA

A metodologia desenvolvida nessa pesquisa foi elaborada por Fabre, Lossouarn e Tourrand e por ser inovadora merece uma descrição detalhada (Fabre, 1994 ; Fabre 1997 ; Lossouarn 1994 ; Lossouarn 1996 ; Tourrand 1996 ; Pocard-Chapuis 1997). Ela se apoia sobre os conceitos-chaves de sistema-ator, função técnica, cadeia produtiva, como definido em Pocard-Chapuis, 2001. Estes três elementos permitem decompor a cadeia e decifrar sua complexidade, sempre preservando sua essência sistêmica. De fato, o conceito de sistema facilita a análise das estratégias dos atores, a influência do esquema global sobre cada componente, os processos de estruturação etc ...

O primeiro tempo da pesquisa é descritivo, e o segundo analítico. Na descrição do sistema da cadeia foram inicialmente definidas as subcadeias, a partir da identificação de bacias de produção, tipo e qualidade de produtos, mercado consumidor. Neste nível podem ser desenhados os modelos conceituais dos fluxos de mercadorias entre sistema-atores. Em seguida são construídas as tabelas de análise funcional, cujo objetivo é sistematizar a compilação de informações sobre cada função técnica ao longo das subcadeias : descrição dos sistema-atores e dos produtos gerados. Em função destes resultados são gerados os mapas de circuitos dos produtos, que integram quantificação, direção e localização no espaço dos fluxos para cada subcadeia.

Para elaborar estes três produtos o pesquisador dispõe de várias fontes de dados, como entrevistas no campo, que podem ser exaustivas (ex : frigoríficos) ou numa amostra (ex: fazendeiros), estatísticas de organizações profissionais (associações de supermercados, de produtores ...), estatísticas fiscais de trânsito ou industriais, estatísticas de órgãos de defesa do consumidor (DIEESE, SIMA) ... etc.

No presente trabalho constatou-se diversas carências em algumas fontes estatísticas de dados. Além disso, mesmo sendo exaustivas e de boa qualidade, estatísticas dificilmente dão informações sobre o comportamento e as lógicas dos atores. Consequentemente foram privilegiados os levantamentos e entrevistas de campo a todos os níveis da cadeia, usando estatísticas como meio de verificação, ilustração e quantificação. Este método possui a vantagem de colocar o pesquisador em contato direto e até convivência com os atores, levando-o a afinar sua percepção e compreensão das estratégias. Chegar

neste ponto de conhecimento é fundamental para iniciar o segundo passo da pesquisa, a análise da dinâmica da cadeia.

Esta começa pela análise da construção dos preços ao longo das sub-cadeias. Se acompanha o preço do produto desde o início do sistema (o bezerro) até consumidor final, destacando para cada função técnica os fatores que venham influenciando sobre seu preço (qualidade, fatores climáticos, distância ... etc). Essa informação pode ser resumida também num diagrama. Em seguida é realizada uma análise econômica simples por função técnica, ou seja identificação e quantificação das fontes de lucro e de prejuízo para cada função técnica. Com base nesses dados econômicos o pesquisador pode iniciar a fase final do trabalho : análise das estratégias. Este trabalho é realizado por etapas, das unidades de observação mais gerais para as mais finas. Em primeiro lugar verifica-se as estratégias a nível das funções técnicas, ou seja : quais são as dinâmicas de concentração horizontal e vertical, quais relações podem ser estabelecidas, quais perspectivas se abrem ou se fecham etc ... Neste nível de análise entram os fatores macro ou externos a cadeia, tais como políticas públicas, crescimento demográfico, progressos tecnológicos etc ... Tendo isso em vista pode-se descer ao nível de análise mais fino, do sistema-ator : como cada um se posiciona neste esquema, em função das suas características próprias. Isso leva finalmente a entender o comportamento dos atores e indivíduos. A sucessão do mais geral para o mais fino poderá também ser invertida, colocando o indivíduo dentro do contexto ou sistema de relações em qual ele está envolvido, destacando a influência sobre sua própria estratégia. Este esquema de analisar a cadeia como o encaixamento em várias escalas de sistemas conectados facilita a compreensão das articulações e propagações de dinâmicas, seja no que se refere a preços, ou qualidade, localizações, políticas públicas ...

RESULTADOS

A pesquisa foi desenvolvida a partir do município de Uruará, cuja sede fica a 180 km de Altamira na direção de Itaitúba. Sua localização bastante central na Transamazônica (trecho Oeste Altamira) e a existência de numerosos bancos de dados sobre sistemas de produção agrícola foram os motivos dessa escolha. A estrutura fundiária e produtiva é representativa da região, dominada por lotes familiares de 100 Ha conforme delimitações do INCRA nas décadas anteriores. Além da pecuária bovina se destacam as culturas perenes de cacau, pimenta e café, aproveitando manchas de solo fértil, entre

outros a terra roxa estruturada. Os sistemas de produção são descritos em Ferreira 2001, e vamos aqui concentrar a atenção sobre cadeias produtivas bovinas, e em primeiro lugar sobre os mercados consumidores.

DIVERSIDADE DE MERCADOS CONSUMIDORES

A carne consumida no mercado de Uruará é essencialmente carne de vacas de reforma, oriundas da produção familiar. Os dados de abate do único matadouro mostram um consumo de cerca de 200 cabeças por mês em 97, com uma leve queda no inverno devido isolamento da população rural. O mercado apresenta uma forte tendência a crescimento interanual (mais 30% entre 1997 e 2000). A cadeia é muito curta, sendo que o próprio açougueiro compra diretamente do produtor e manda abater em prestação de serviço no único matadouro da cidade, mediante uma taxa de abate. Raramente existem intermediários neste circuito, ainda. A classificação das peças de carne vendidas no açougue é quase inexistente¹, o que indica o baixo nível de exigência por parte da população. Os preços e o nível tecnológico são baixos ao longo de toda a subcadeia, mostrando que sua função principal é de drenar os animais de menor qualidade e de colocar na mesa do consumidor um produto barato, a sua fonte básica e cotidiana de proteínas. De fato, o consumo per capita é muito alto, estimado a 3,8 kg / pessoa / mês¹.

O consumo de Santarém é profundamente diferente, uma vez que se trata de uma cidade ribeirinha. A carne bovina entre em competição com o peixe, que obedece a um ritmo sazonal : na safra do peixe, de julho a dezembro o consumo de carne cai mais de 50 % (630 toneladas em fevereiro e 300 em julho de 1997). Neste mesmo período o gado desce nas várzeas, é época dele engordar. Assim o ritmo de consumo é adequado com o ritmo local de criação. A Transamazônica vem interferir neste sistema antigo da mesma maneira que o Sul do Pará modificou o circuito Marajó – Belém a duas décadas atrás : se trata da valorização de vantagens comparativas de tipo agro-ecológico. Na terra firma o boi pode pastejar o ano todo, e por isso é mais valorizado pelos profissionais da cadeia:

- o peso maior por cabeça diminui o custo de transporte rodoviário
- o rendimento de carcaça maior favorece o matadouro

¹ Apenas existe a diferença carne de segunda / carne de primeira, que corresponde a quartos dianteiros e traseiros.

- a conformação mais vantajosa das carcaças permite maiores lucros para o açougueiro

Decorrendo disso, existe um consenso na cadeia de Santarém para importar cada vez mais gado da Transamazônica, sendo que os dois pontos limitantes são a péssima trafegabilidade da estrada no inverno (época de maior consumo) e o fato do produtor ribeirinho aceitar preços mais baixos do que o produtor de terra firme : na enchente precisa se desfazer do gado a qualquer preço, mesmo que for tendo prejuízo. Assim como em Belém, a cadeia local acaba se especializando no setor de preços baixos e qualidade mínima, enquanto que a nova cadeia vêm ocupando as melhores faixas de mercado. Hoje, das 30 000 cabeças consumidas anualmente em Santarém, cerca de 15 000 provêm da terra firme. No verão 80% do consumo vem de terra firme, e 20 de várzeas. Essa proporção é invertida no inverno.

Macapá é também abastecido parcialmente pela produção Transamazônica. O circuito tradicional envolvia os rebanhos de búfalos povoando as ilhas do delta e as várzeas do litoral. Existe também uma pecuária bovina tradicional nos campo do leste do estado, mas com efetivo baixo e produtividade fraca. O crescente rebanho da Transamazônica encontrou espaço neste mercado, e acesso facilitado pela via natural de comunicação dos rios Xingú e Amazonas. Abaixo de Vitória do Xingú não se encontram mais cachoeiras e a navegação é fácil em toda época do ano. Deste porto saiam as balsas carregadas de gado da Transamazônica, e com 2 dias de viagem chegam nos matadouros de Santana ou Macapá. Hoje, em torno de 2000 cabeças saiam mensalmente da Transamazônica para Macapá. Ao contrário de Santarém, o consumo é relativamente regular durante o ano, uma vez que a pesca local não depende muito das cheias e vazantes do rio (pesca marítima). A análise do setor de distribuição de carne mostra características similares a Santarém, com alto índice de atomização, pouca tecnologia e investimento. No centro da cidade existe uma certa demanda para qualidade, visível na higiene dos açougues, na classificação das peças, nas tabelas de preço diferenciadas e no consumo maior de carne de primeira. Já nas periferias a tendência é inversa. O número de atravessadores é grande para recolher o gado nos travessões da Transamazônica, trazê-lo no porto de Vitória do Xingú, leva-lo de balsa até Macapá, abate-lo e distribuir as carcaças aos açougues. Todavia, os preços ao consumidor continuam relativamente baixos e as margens de lucro para cada intermediário são

¹ Este número é a média para a população total do município. Na realidade o consumo é muito mais

baixas devido a concorrência. Muitos atores estão atuando em cada função técnica, e os processos de concentração ainda não apareceram ao contrário da subcadeia de Belém. Por estar em plena expansão e não possuir bacia própria de produção bovina, o mercado de Macapá é uma boa oportunidade comercial para a Transamazônica.

O principal mercado da Transamazônica é o de Belém, que absorve cerca de 2500 cabeças por mês. A abertura da Belém-Brasília iniciou a entrada de produtos e atores novos (do Brasil Central), e foi o início dum processo de concentração na cadeia, que logicamente começou pela função técnica de abate, a que mais imobiliza capital. Dois grandes frigoríficos abriram e passaram a dominar a atividade, totalizando cerca de 70 % das carcaças consumidas em Belém (Famaro 98). Uma das maiores dificuldades para essas indústrias é a atomização da distribuição, ou seja a multiplicidade de pequenos açougues : alto custo de entrega, endividamento freqüente, oportunismo das relações clientes – fornecedor ... etc. Este setor foi completamente re-estruturado com o surgimento de grandes redes de supermercado, que passaram a adotar a carne bovina como produto de chama, valorizando a noção de qualidade e higiene graças a um marketing eficiente. Hoje 4 redes dominam cerca de 30% da distribuição de carne bovina em Belém, incluindo as classes de maior poder aquisitivo e as coletividades. Estes atores – supermercados e frigoríficos - passam a ter um peso muito grande na cadeia, devido a importância dos fluxos de mercadoria que controlam. Necessariamente, procuram trabalhar com sistema-atores de mesmo tamanho, por razões de segurança, regularidade, diminuição de custos, modalidades de pagamento ... etc. Assim, o processo de concentração vem se expandindo nos elos superiores da cadeia, principalmente na função técnica de compra e transporte de gado para abate.

Os pequenos comerciantes de gado não podem vender aos frigoríficos, por não juntar volumes suficientes com regularidade adequada. Para ter este acesso, precisa de capital de investimento, confiança dos atores, transporte, matéria prima em quantidade e qualidade suficiente. Um ator da Transamazônica conseguiu juntar essas condições, e chega a comercializar cerca de 2500 cabeças por mês para um frigorífico de Castanhal, o maior fluxo de gado na região Transamazônica. As exigências de preço e de qualidade que o frigorífico impõe são repassadas aos produtores, uma vez que são comprados apenas bois machos com mais de 480 kg vivo. Acima deste peso o rendimento de

elevado para população urbana, e mais baixa para os moradores dos travessões.

carcaça é estimado a 52%, proporcionando melhores ganhos para o pecuaristas. Devido esta política de preço, a subcadeia de Belém monopoliza o gado de melhor qualidade, merecendo a qualificação de circuito da qualidade, o que vem trazendo transformações relativamente profundos sobre os sistemas de produção bovina da Transamazônica.

Essas quatro sub-cadeias produtivas assumem papel complementar na pecuária regional, sempre em torno da noção de qualidade. Os circuitos curtos, para abastecimento da cidade local, são especializados na qualidade menor e preços mais baixos ; ao contrário o circuito longo, de Belém, remunera melhor o produtor em troca de uma qualidade alta ; numa posição intermediária os circuitos de Santarém e Macapá permitem escoar a produção que não atingem bons padrões de qualidade mas superam aquele que o mercado local paga. Em outras palavras o gado macho das melhores fazendas é vendido em Belém, o gado de descarte fêmea da produção familiar fica em Uruará, e o gado intermediário fêmea e macho vai para Macapá e Santarém. Este mosaico de mercados e cruzamento de circuitos é um motor importante da estruturação do espaço Transamazônico.

ORGANIZAÇÃO REGIONAL DA PECUÁRIA

Das 7000 cabeças comercializadas mensalmente na Transamazônica para abate, cerca de 65% são exportadas pelo porto de Vitória do Xingú, sendo outros 14% para Santarém via rodoviária, e 20% para os mercados locais espalhados ao longo da estrada. Essa concentração geográfica dos fluxos levou à estruturação duma verdadeira bacia de engorda nos arredores do porto, onde a estrutura fundiária se concentrou em grandes fazendas engordando o boi até o tempo de exporta-lo para abate. Estes grandes estabelecimentos entre Brasil Novo, Altamira e Vitória do Xingú representam uma importante demanda em bezerros para as regiões vizinhas, Transamazônica, Baixo-Amazonas e região da Cuiabá-Santarém até o Mato Grosso. Por terra ou de balsa, circuitos de bezerros se desenvolvem sobre cerca de 2000 km de pistas e rios ... Nessas periferias o preço do bezerro é valorizado¹ devido a alta procura, estimulando a cria inclusive em sistemas de produção familiar. Assim três tipos de espaços se organizam em torno da cadeia produtiva bovina :

¹ De 15 a 20 % acima do preço do boi gordo

- (i) a bacia de engorda de Altamira, onde grandes fazendas se beneficiam do porto e do acesso fluvial aos mercados remotos, uma vez que o transporte rodoviário é altamente deficiente na região ; dali saiam o bois gordos para Belém e em menor quantidade para Macapá.
- (ii) a bacia de cria da Transamazônica, onde a agricultura familiar encontra na produção de bezerros uma alternativa interessante, e uma possibilidade escoar os adultos machos e fêmeas adultos nos mercados de Santarém e Macapá
- (iii) o baixo amazonas, que cada vez mais se especializa na cria uma vez que sua atividade tradicional de engorda vem sofrendo a concorrência da Transamazônica, e que o bezerro tem preço alto em Altamira.

A CADEIA BOVINA NO MUNICÍPIO DE URUARÁ : O PAPEL DOS INTERMEDIÁRIOS

As principais características da estrutura produtiva rural do município de Uruará são a predominância da produção familiar em relação às fazendas, a fraqueza das infra-estruturas, o elevado grau de isolamento da maior parte dos produtores, e a presença de manchas de terra fértil. Alguns motores da pecuarização são diretamente ligados à noção de comercialização, que decorre da organização da cadeia produtiva. Preço seguro e constante, possibilidade de venda rápida a qualquer época e em qualquer ponto do município fazem com que o gado assume papel de poupança, tanto como reserva em caso de acidentes, ou de acumulação de capital visando investimentos futuros. A organização das subcadeias permite escoar qualquer quantidade de gado, das menores às maiores, autorizando tanto a pecuária de poupança para micro-produtores como a especialização e o aumento progressivo da produção. Além de fornecer uma garantia de comercialização do gado, a cadeia vem também animando o mercado da terra, sustentando estratégias de especulação fundiária e/ou de desmatamento e implantação de pastagens para venda a um fazendeiro, grande ou pequeno, num preço 5 a 10 vezes superior ao da floresta.

Se as facilidades de comercialização na cadeia bovina aparecem como o fator principal da pecuarização, nas produções vegetais a comercialização é apontada como maior fator limitante. A diferença decorre da atuação duma rede fina de intermediários, que pode se desenvolver na cadeia bovina devido uma série de especificidades.

- (i) O gado, ao contrário de produtos vegetais, passa por várias fases até chegar no ponto de ser industrializado (cria, recria e engorda) ; a pecuária é um conjunto

de atividades complementares realizadas por sistema-atores diferentes, entre os quais deve circular o gado, tornando necessária a presença de comerciantes.

- (ii) Na cadeia bovina da Transamazônica se encontram sistema-atores de peso, são os grandes fazendeiros e comerciantes que implementaram circuitos seguros de comercialização, mantendo o preço estável e a demanda sempre ativa. Eles constituem o arcabouço da cadeia.
- (iii) No contexto de isolamento que caracteriza a Transamazônica e outras frentes pioneiras, o gado se tornou uma moeda nos travessões, uma vez que justamente seu preço é estável e a venda sempre possível (liquidez).
- (iv) A diferença com o papel moeda é que a medida que o tempo passa o valor das reses aumenta (ganho de peso dos machos, partições da fêmea). Se tornou assim uma poupança adequada ao contexto de frente pioneira.

Se esses fatores levaram o produtor rural a mexer com pecuária, levaram também o detentor de um capital financeiro a entrar no ramo do comércio de gado, que apresenta toda garantia possível. Muitos entraram, mesmo que seja com baixo volume de transações, raio de ação reduzido e pequeno capital de giro. Além do lucro econômico se ganhava também uma posição social desejável, inclusive no quadro da política local. Assim surgiu um exército de intermediários, cuja a atuação vem apagando as condições adversas de isolamento e distâncias que o produtor teria que enfrentar para comercializar seu produto, como acontece nas produções vegetais. Seu papel inicial é de conectar os produtores entre si, juntando os produtos de uns para vender a outro como no caso dos bezerras, ou ao contrário colocando ao acesso de todos um produto teoricamente melhorado, como no caso dos reprodutores ou matrizes. De fato sua atuação ultrapasse a noção estrita de comercialização, e se aparenta mais com os sistemas antigos de aviamento onde a relação entre as partes tem coloração de paternalismo. Ele tira vantagem disso como forma de constituir uma bacia de fornecedores fiéis¹, e muitos produtores vêm na fidelidade ao intermediário uma alternativa forçada para superar situações de insegurança econômica e de isolamento. Todavia nessa função técnica de compra de gado vivo nos travessões encontra-se também *aventureiros*, ou atores que não procuram fidelizar os fornecedores e sim realizar golpes, sejam aproveitando uma situação crítica para pagar um menor preço, seja impondo prazos de pagamento compridos ... seja desaparecendo com a mercadoria.

Deste ponto de vista a função técnica ainda é pouca organizada apesar do seu papel chave na cadeia.

Mas a concorrência cada vez mais forte entre os comerciantes tende a impor nova organização, diminuindo as margens de lucro. A atividade se torna rentável se possuir um meio de transporte, e se conseguir movimentar bastante gado : o pequeno comprador tem dificuldades a manter sua clientela tanto de vendedores como de compradores. Conseqüentemente, nesta função técnica também a concentração está ocorrendo intensamente, com a constituição de redes de compradores trabalhando por um mesmo comerciante de gado. Este fornece o transporte e usa seu próprio capital de giro, dando porcentagem a seus compradores que ele reparte de maneira a maximizar sua captação de mercadoria. Assim, ele instala um domínio sobre o comércio de gado na região, posição mais favorável para gerar lucros pontuais. Este esquema se encontra em cada uma das subcadeias estudadas, com graus diferenciados e proporcionais ao volume de gado movimentado : nos pequenos circuitos existe relativa atomização dos intermediários, e nos grandes a concentração é forte. Não encontremos casos de abuso crônico de posição de monopólio², uma vez que se acontecesse logo ia surgir um novo comprador aproveitando a oportunidade. Todavia, existem eventos pontuais onde a relação oferta / demanda muda para um breve período de tempo : políticas públicas visando o crescimento do rebanho regional, ou fenômenos sazonais como enchentes de rios, ou simplesmente produtor aperreado precisando vender a qualquer preço. É nessas curtas oportunidades que uma posição dominante no setor de compra – venda permite gerar lucros substanciais, isto é a estratégia dos comerciantes de gado vivo : priorizar o volume de transações mesmo que seja com margens de lucro irrisórias, visando derrubar a concorrência e se colocar numa posição favorável para aproveitar as oportunidades de lucro que não deixam de aparecer. Neste esquema de concentração, só sobram nichos para pequenos atores nos menores circuitos e na condição de juntar várias funções técnicas e assim cumular valor agregado, como compra de gado - transporte - venda de carne a varejo, ou compra – engorda – abate ... etc. Muitas combinações são possíveis mas necessitam (i) uma certa plasticidade da parte do ator, que deverá assumir o grande desafio de exercitar várias profissões distintas (açougueiro, criador, comerciante ...) ; (ii)

¹ Da mesma forma que o político cria bacia de eleitores. Inclusive, devido essa posição privilegiada os intermediários freqüentemente abraçam uma carreira política local, como vereador ou secretário.

² Que seria no caso aproveitar a ausência de concorrência para praticar tarefas superiores ao mercado

um capital produtivo relativamente elevado (caminhão, ou açougue, ou fazenda etc. ... e mais o capital necessário para compra – venda do gado).

Os resultados dessa pesquisa proporcionaram uma visão da diversidade de mercados consumidores e circuitos de gado na Transamazônica, da organização local da pecuária e dos mecanismos de interação entre Agricultura Familiar e cadeia produtiva bovina. Apesar de estar aqui drasticamente resumidas, essas informações fornecem subsídios para progredir na discussão sobre a pecuarização na Transamazônica e a viabilidade da pecuária na agricultura familiar.

DISCUSSÃO

A Transamazônica oferece vantagens comparativas fortes para pecuária de corte em relação às bacias tradicionais de pecuária no Pará, o que lhe permitiu ganhar faixas nos mercados regionais como Santarém, Macapá, Belém. Se trata da oposição fundamental entre pecuária de várzeas e de terra firme, ou Amazônia dos Rios e das Estradas, como já aconteceu entre Marajó e o Sul do Pará. Vale ressaltar que as cadeias produtivas novamente implementadas não eliminam as antigas mas se sobrepõem e há compartilhamento do mercado, cada uma levando uma faixa com características próprias de qualidade, quantidades, sazonalidade etc... Assim a produção da Transamazônica atinge vários mercados contrastados, e graças a este painel de alternativas ainda é possível hoje comercializar qualquer qualidade de gado. Atualmente a viabilidade da pecuária na Agricultura Familiar é baseada sobre a possibilidade de comercializar gado de reforma, e sobretudo bezerros para recria/engorda. Mas a dinâmica da cadeia está ameaçando estes canais, tanto para abate que para bezerros.

Após um período inicial de penúria de carne¹, em ambos os mercados hoje a relação oferta / demanda tende a se equilibrar seja por questões de capacidade de absorção ou de exigências de qualidade. Os mercados locais são muito pequenos e não acompanham o crescimento dos rebanhos, o que vem gerando saturação pelo excesso de oferta, principalmente no período chuvoso². Ao contrário os mercados mais distantes se tornam

¹ Nos anos 70 e 80 na Transamazônica, os garimpos acima de Itaituba eram grandes consumidores de carne, e a produção local ainda baixa. Até Brasil Novo os intermediários chegavam a pagar adiantado ao colono para segurar o gado ou tira-lo da concorrência.

² O inverno é período de entre-safra para produções agrícolas e a venda de gado se torna temporariamente a única fonte de renda possível dos colonos. Além disso existe convergência de fatores que faz com que a

seletivos na qualidade dos produtos, devido re-estruturação completa da parte final da cadeia (indústria e distribuição). Essa tendência se traduz por dificuldades crescentes a comercializar o gado que não for de qualidade boa, o que pode desviar os fluxos em direção aos mercados locais de menor exigência, onde preço terá tendência a diminuir. Isto constitui uma ameaça séria para os produtores que não conseguem atingir qualidade nos produtos, como fazendas desestruturadas e grande parte da produção familiar.

A venda de bezerros segue a mesma lógica. Até hoje, a organização da cadeia em torno de grandes fazendas de engorda e comerciantes levando o gado para mercados distantes faz com que existe uma demanda alta para bezerros em toda região. Mas as exigências desenvolvidas na parte final das subcadeias torna seletivo o próprio mercado dos bezerros, não apenas o de abate. Se a produção familiar não melhorar a qualidade dos seus bezerros, as fazendas terão mais vantagens em trabalhar de forma integrada cria – recria – engorda, possibilitando novas tecnologias de melhoramento genético¹. A precocidade maior é única alternativa para que as fazendas continuem presente no mercado exigente, e preservam suas margens de lucro. Nem necessariamente isso requer alta tecnologia : a produção familiar de bezerro, se for bem conduzida, pode dar resultados satisfatórios nessa perspectiva de melhoramento genético, uma vez que as matrizes são de raça misturada. Se tiver reprodutores de boa qualidade, conseguiria um choque de sangue suficiente para que os bezerros atingissem ganhos de peso respeitáveis. Uma melhoria nas práticas adequadas de cuidados ao bezerro, de mineralização e manejo da pastagem completam a série de condições para que a produção familiar possa se manter na cadeia produtiva bovina. De qualquer forma a cadeia está caminhando rumo a uma seleção cada vez mais forte em cima da qualidade, que hoje já faz variar o preço do bezerro de 20 – 25 %. A médio prazo, isso significa que quem não se adequar terá que mudar de atividade por não ter mais acesso ao mercado.

Uma alternativa interessante para agricultura familiar seria a produção leiteira, conforme descrito em Veiga et al., 1996 e Ferreira et al., 1994. Mas a inexistência de

capacidade de absorção de todas as cadeias diminui : o transporte é mais difícil e mais caro ; a demanda nos mercados locais diminui devido isolamento da população rural ; o mercado de Santarém é saturado por gado de várzea fugindo da enchente ; a demanda em bezerro diminui nas fazendas, uma vez que a reposição já foi feita no início das chuvas.

¹ Em 97, das 12 grandes fazendas do município de Uruará, 5 já estavam investindo neste esquema, visando inseminação artificial e engorda dos bezerros na fazenda. Depois de constituído o rebanho ideal para superfície da fazenda, as fêmeas serão comercializadas a preço alto, como matrizes de padrão melhorado.

cadeia produtiva eficiente faz com que a emergência dessa alternativa vem enfrentando as mesmas dificuldades que as produções vegetais : dificuldade na coleta da matéria prima, baixa qualidade, ausência de indústrias, distância com os mercados consumidores (Poccard-Chapuis et al, 2001). Todavia, existe um rebanho com aptidão leiteira no município, e observa-se oportunidades mercadológicas, como a venda de queijo no mercado de Macapá. Uma cadeia do leite poderia explorar as mesmas vantagens comparativas que a cadeia de carne, com a diferença fundamental que não existe densidades de produtores, grandes volumes de fluxos e atores capitalizados para organizar a cadeia em cada função técnica¹. A questão é de saber se o modelo cooperativista ou associativista terá condições de preencher este vácuo.

CONCLUSÃO

Verifica-se que no caso da Transamazônica a produção pecuária é orientada sobre os mercados consumidores regionais emergentes². Mas o aumento do consumo é muito fraco em vários deles, inclusive nos maiores como Santarém e Belém (Famaro 1998) ; a pecuária na terra firme não vive do crescimento do consumo, mas sim do fato de estar ganhando faixas nos mercados consumidores ao detrimento das bacias tradicionais de produção. Essa competição bem sucedida se deve à atuação duma cadeia produtiva eficiente, organizada em torno de atores fortes no sentido de movimentar grandes volumes de mercadoria³. Essa cadeia é um motor para organização progressiva da frente pioneira. Por essa razão ela possui ramificações em todos os setores de tomada de decisão inclusive a nível político, e se torna um potente lobby local comparável ao da madeira. Seus atores constituíram a mais eficiente rede de comercialização em área pioneira. A agricultura familiar tem seu lugar nessa cadeia produtiva com a produção de bezerros para engorda em fazendas, e de gado de abate para mercados locais, os menos exigentes em qualidade. Ela se aproveita dos canais de comercialização implementados pelos grandes produtores e comerciantes. Essa realidade é longe dos preconceitos que descrevem a fatal oposição entre fazendeiro e pequenos produtores : por enquanto na Transamazônica uns dependem dos outros. Mas a seletividade crescente dos mercados

¹ Na cadeia da carne, este papel é assumido pelos fazendeiros, comerciantes de gado e frigoríficos

² Em muitos outros setores da Amazônia, a relação com o consumo local não existe uma vez que toda a produção é exportada para mercados do Nordeste ou do Sudeste. A Transamazônica aparece como um exceção.

³ Fazendeiros e comerciantes de gado vivo

vem perturbar esta organização, pela exigência de qualidade : se a produção familiar não se adequar e melhorar seus produtos, o sistema de fazenda terá que suprir a esta carência desenvolvendo sistemas integrados de cria-engorda e/ou fazendas de cria. Em outras palavras a cadeia funcionou nessa década como um estímulo à produção pecuária. Hoje ela passa a atuar mais como transmissor de pressões sobre os sistemas de produção, impondo adoção de tecnologias ou pelo menos de práticas visando melhor qualidade e produtividade. Depois de ter sido um verdadeiro apelo para pecuarização, ela pode passar a selecionar produtores que poderão crescer pela pecuária e outros que deverão mudar de ramo ou se contentar de preços mínimos. Para estes a pecuária não seria uma forma de acumulação, mas a partir do gado poderiam passar a outras atividades mais exigentes em capital ou mais arriscadas. O gado seria uma forma de alicerce ou primeira etapa da diversificação.

Nas alternativas que são as produções agrícolas e o leite, cadeias produtivas deverão se organizar para fornecer condições de venda satisfatórias ao produtor. Nesta finalidade, uma certa densidade de produtores no espaço é necessária ; uma hipótese é que travessões passam a se organizar em torno duma determinada produção, como isso acontece em vários lugares da Amazônia. O desânimo pela pecuária de corte pode aumentar os volumes de produção vegetal e/ou de leite, até atingir um ponto crítico a partir do qual novos investidores poderiam ter interesse em implantar agroindústrias na região e ter para o pequeno agricultor o mesmo impacto positivo que os fazendeiros e comerciantes ainda têm para o pequeno criador.

Este cenário é estreitamente ligado ao desenvolvimento das infra-estruturas, principalmente de transporte. A dificuldade não é tanto o custo de transporte, mas simplesmente o acesso : estradas de chão são praticamente intrafegáveis na época das chuvas, complicando ao extremo a coleta de matéria prima e o escoamento de produtos beneficiados, ambos perecíveis. O asfaltamento do trecho Altamira-Marabá pelo menos, abririam oportunidades de negócios atraentes para capitais externos e investimentos. Toda questão é de saber se isso será uma ajuda para produção familiar, ou ao contrário um passo de gigante nos processos de concentração fundiária e de êxodo rural. Podemos pensar que isso vai depender da capacidade a estruturar alternativas viáveis para produção familiar, antes que os preços da terra venham a subir e que o colono tenha tentação de vender a terra. As soluções ultrapassam o quadro da produção agrícola e abrangem os setores de saúde, educação, transporte e eletrificação rural, visando

melhorar o bem estar dos moradores nos travessões. Neste quadro, o papel das políticas públicas locais é fundamental.

BILBIOGRAFIA :

FABRE P. 1994 : « Note de methodologie generale sur l'analyse de filiere (utilisation de l'analyse de filiere pour l'analyse economique des politiques) ». In Documents de formation pour la planification agricole, Organisation des nations unies pour l'alimentation et l'agriculture (FAO) Rome 1994.

FAMINOW M.D. 1996 : « Spatial economics of local demand for cattle products in Amazon development », In Agriculture, Ecosystems, and Environment 1116 (1996) XXX C

FAMARO H., 1998 : “O mercado consumidor de carne bovina de Belém”, Dissertação de DESS da Faculdade de Agronomia de Montpellier, 120 P., Montpellier 1998

LENA P. 1992 : « Trajectoires sociales, mobilité spatiale et accumulation paysanne en Amazonie brésilienne : un exemple en Rondônia » In Cahiers des Sciences Humaines 28 (2) 1992 : 209-234

POCCARD-CHAPUIS R., 1997 : “Filières bovines et organisation de l'espace en Amazonie Orientale brésilienne. Le cas du municípe d'Uruará.” Dissertação de mestrado, Faculdade de geografia Paris 1 – Paris Sorbonne, Paris 1997.

TOURRAND J.F.; POCCARD-CHAPUIS R.; VEIGA J.B.; SIMÃO-NETO M.; WOOD C.H. 1999. “Planetary Garden or Private Garden of the cattle ranching farmers un the Brazilian Amazon.” Planetary garden/Jardin planétaire - First talks of Savoie Technolac, 14 - 18 MARS 1999 Chambéry - Savoie- France.

VEIGA J.B., TOURRAND J.F., QUANZ D., 1996 : « A pecuaria na fronteira agrícola da amazônia : o caso do município de Uruará, PA, na região da Transamazônica », EMBRAPA-CPATU, Belém 1996